



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

#### **4. “Blitzkreig de Muriçocas” e Outros Problemas no Cotidiano de Aracaju (1939-1945)**

Andreza S. C. Maynard<sup>I</sup>

*Afastava de si as verdades menores que terminou por não chegar a conhecer: queria as verdades difíceis de suportar* (Clarice Lispector)<sup>II</sup>

O presente texto investiga alguns aspectos do cotidiano de Aracaju, sobretudo algumas dificuldades enfrentadas durante a Segunda Guerra Mundial. Como fonte privilegiou-se o jornal Correio de Aracaju, que circulava diariamente na capital sergipana, registrando informações valiosas sobre a cidade. Através da análise, baseada na História Cultural, foi possível perceber que a guerra originou novas aflições, mas foi preciso lidar com algumas dificuldades que a população já enfrentava antes de setembro de 1939.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, Aracaju, cotidiano.

#### **"Blitzkreig de Muriçocas" and other problems of everyday Aracaju (1939-1945)**

This paper analyses some aspects in Aracaju's everyday. A newspaper named Correio de Aracaju give to us rich information about the people and their daily troubles. Based on Cultural History, we realized that WWII brought some new precautions, but there was already, before September, 1939, other troubles to be concerned about in Aracaju.

Keywords: WWII, Aracaju, Everyday.

A Segunda Guerra Mundial imprimiu mudanças no cotidiano de várias capitais brasileiras. Em Aracaju o impacto mais cruel do enfrentamento bélico veio com o afundamento dos navios na costa sergipana, entre 15 e 17 de agosto de 1942. A morte de centenas de brasileiros, incluindo mulheres e crianças, chocou a população. Era preciso estar atento aos novos problemas que apareceram em decorrência da guerra e a outros, já bem conhecidos, que continuaram participando da realidade local. Este artigo analisa alguns aspectos do cotidiano de Aracaju, sobretudo algumas dificuldades enfrentadas pela população durante a Segunda Guerra Mundial. A principal fonte consultada foi o jornal Correio de Aracaju. Já a base teórica vem da História Cultural.

Uma das questões de solução mais difícil, o aumento desordenado dos preços, só piorou durante a guerra. A interrupção do transporte de alimentos e outros suprimentos pela via marítima contribuiu para a escassez de alguns artigos de primeira necessidade. Isso agravou o aumento dos preços de muitos outros gêneros como os combustíveis, roupas, sapatos e até mesmo aluguéis. Enfim a vida ficou mais dispendiosa e a carestia só aumentava, dando sequência a um processo que de acordo com Maria Helena Capelato<sup>III</sup>, já vinha se desenhando desde o início dos anos 1930.



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

A guerra mal havia começado e estava restrita a alguns países, mas não demorou a ser utilizada como justificativa para a especulação dos preços. Já em 18 de setembro de 1939 representantes do governo Vargas anunciavam que o aumento nos preços não podia ser atribuído à guerra. Eles pediram ajuda aos interventores e autoridades policiais para controlar os abusos.

Em Aracaju os jornais não tardaram a estampar notícias sobre a guerra em suas primeiras páginas. No entanto os periódicos se restringiam a transmitir informações evitando dar demonstrações de polaridade política. Poucos redatores em Aracaju se atreviam a expressar opiniões comprometedoras sobre o nazismo e os judeus antes de agosto de 1942. Nesse sentido Zózimo Lima foi um dos poucos a assinar artigos que denunciavam a barbárie nazista na Europa e o tratamento imposto aos judeus. Porém esse comportamento podia custar caro ao jornalista e ao próprio Correio de Aracaju, periódico diário que circulava na cidade.

No dia 22 de setembro de 1939 o ministro da guerra lembrava aos brasileiros que o país estava neutro diante do conflito. E dirigindo-se mais diretamente à imprensa escrita e falada, recomendava o máximo de cuidado com as notícias veiculadas em jornais e programas de rádio, afinal de contas os interesses do país deveriam sobressair a paixões individuais<sup>IV</sup>. Não por acaso no dia 23 de setembro de 1939 foi designado como novo censor para o DPDE<sup>V</sup> em Sergipe, o bacharel João Guimarães. E em dezembro de 1939 era criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>VI</sup>, que tinha a função de estabelecer um controle mais eficiente sobre o que era publicado no país.

O diretor do DIP, Lourival Fontes, proibiu a veiculação de notícias desfavoráveis aos governantes e países com os quais o Brasil mantinha relações amigáveis. A Alemanha que era um dos maiores parceiros comerciais do país, não deveria ser ofendida sob hipótese alguma. Até agosto de 1942 Sergipe seguia a orientação nacional e não via nenhum problema em negociar com os países envolvidos no conflito. O posicionamento do Brasil à época ficou conhecido como “equidistância pragmática”<sup>VII</sup>, quando o próprio Vargas se dividia entre os Estados Unidos e a Alemanha. Em 1939 Sergipe chegou a importar mais produtos da Alemanha (321.792 kg, no valor de 975:829\$607) que dos Estados Unidos (131.237 kg, no valor de 675:421\$502). Mantendo relações comerciais com vários países, em 1940 a importação do estado se deu na seguinte proporção

Estados Unidos da América do Norte, 182,844 quilos, no valor de 931:100\$000; Inglaterra, 146.102 quilos no valor de 354:774\$400; Terra Nova, 94.800 quilos, no valor de 212:577\$100; Alemanha 2.437 quilos, no valor de 33:375\$800 e Bélgica, 1.030 quilos, no valor de 7:771\$400<sup>VIII</sup>.

Não obstante a Europa estar entremeadada por uma guerra, Sergipe conseguiu desenvolver comércio satisfatório em 1940. O comércio internacional que já era pequeno sofreu um



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

decréscimo de 63,7% em relação ao ano anterior, mas o comércio com os demais estados brasileiros aumentou 10,9%. E ainda sem odiar os países do Eixo, um grupo de foliões que se preparava para o carnaval de 1941 nomeou seu bloco de “Cerejeiras do Japão”. Este, juntamente com o bloco “Legionários de Sergipe” desfilou e realizou bailes na sede do “Sergipe”, da “Jazz Continental” e da “Associação Atlética”, uma das agremiações frequentadas pela “distinta sociedade” aracajuana.

Entretanto os torpedeamentos de agosto de 1942 mudariam esse quadro, aproximando Aracaju da guerra e distanciando o Brasil da Alemanha. O submarino alemão U-507<sup>ix</sup>, comandado por Harro Schacht, atingiu e afundou o Baependy e o Araraquara no dia 15, um dia depois foi a vez do Aníbal Benévolo, e no dia 17 o Itagiba e o Arará foram atingidos. Esses ataques ocorreram quando as embarcações, que transportavam centenas de passageiros, navegavam entre os estados de Sergipe e Bahia.

Muitos cadáveres e sobreviventes apareceram nas praias sergipanas. Durante vários dias a ameaça de novos ataques despertou medo e revolta na população. As autoridades organizaram exercícios de defesa passiva antiaérea, blackouts programados e apuraram os fatos para descobrir se os alemães haviam sido ajudados por algum traidor da pátria brasileira, também chamados de “quinta-coluna”.

Passada a agitação dos dias dos torpedeamentos, o país estava oficialmente na guerra, mas a vida seguia seu curso. As igrejas continuavam a abrir suas portas para salvar as almas dos cristãos, os cinemas insistiam em induzir o público ao pecado quando exibiam cenas de beijos, e os cabarés continuavam seu árduo trabalho cotidiano de transformar pais de família em traidores, não tanto da pátria quanto de suas honradas esposas.

As notícias do rádio, jornais impressos e até filmes enfatizavam a necessidade de se manter alerta contra os perigos de novos ataques e da ação sorrateira dos quinta-coluna. O cidadão precisava estar de olhos bem abertos, pois o inimigo era apresentado como um perigo constante, especialmente os nazistas. A guerra passa à ordem do dia. Em Aracaju os oponentes da democracia tinham nacionalidade definida, muito embora qualquer estrangeiro que se dispusesse a comentar a guerra entre os aracajuanos fosse visto sob suspeita. Desconfiadas, as autoridades intimaram alguns deles a prestar esclarecimentos. Segundo Dilton Maynard, o Chefe de Polícia Enoch Santiago convocou pessoas suspeitas de serem “integralistas fervorosos” e “amigos comerciais da Alemanha”<sup>x</sup>.

Em Aracaju a guerra se torna mais presente depois de agosto de 1942. Com os torpedeamentos e a entrada do Brasil no conflito, o posicionamento internacional do país fica mais claro. A partir desse momento a Alemanha, o Japão e a Itália, passam a ser inimigos declarados da Pátria brasileira, portanto estavam autorizadas as demonstrações de falta de apreço a esses países. Sem afrontar as autoridades, no dia 4 de fevereiro de 1943 os comerciantes judeus fecharam as portas em Aracaju para protestar contra os atos desumanos



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

praticados pelos nazistas. A manifestação organizada pela coletividade israelita no Brasil foi repetida em várias cidades.

As atrocidades praticadas por Hitler e seu séquito contra judeus, poloneses, ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová e doentes deveriam ser interrompidas. O Brasil foi um dos países que somou forças para combater a expansão nazista pelo mundo, muito embora a defesa dos judeus não estivesse no cerne das preocupações da política externa de Vargas. De acordo com Francisco César Ferraz “o governo brasileiro insistiu no envio de uma força expedicionária, pois além da reparação ao ultraje queria melhorar sua posição internacional na mesa de negociações do pós guerra”<sup>XI</sup>. Nesse sentido o exército brasileiro passou a ser uma instituição digna de toda a atenção do governo. Sua importância vital estava na convocação, seleção, preparação e envio de tropas para a luta armada. Grandes investimentos, inclusive com recursos norte-americanos, foram realizados nesse setor.

Em abril de 1943 foi inaugurado o novo quartel do 28º Batalhão de Caçadores (28º BC), unidade do exército presente em Sergipe, que saiu do centro da cidade e foi edificado na colina do bairro Joaquim Távora (atual 18 do Forte). A solenidade de inauguração contou com a presença do interventor federal Augusto Maynard Gomes, o comandante da 6ª Região Militar (6ª RM), autoridades civis e militares. Com a participação do Brasil na guerra, esperava-se que o 28º BC recebesse uma grande quantidade de homens que atenderiam prontamente às campanhas de apresentação de reservistas e voluntários, o que não aconteceu exatamente conforme era esperado. Mas de qualquer forma, era preciso dispor de mais espaço para a acomodação e treinamento da tropa que se esperava arregimentar. Além disso, a localização do quartel do exército no centro da cidade e de frente para o rio Sergipe deixava os militares demasiadamente expostos a possíveis ataques do Eixo. A solução para esses problemas foi a construção de um novo prédio numa posição mais estratégica da cidade. Mas não eram apenas os militares que sentiam os efeitos da guerra.

A partir do segundo semestre de 1942 e início de 1943 acentuou-se em Aracaju a falta de artigos como papel, até mesmo para jornais, e farinha de trigo, comprometendo a venda de pão. A ausência desses artigos foi acompanhada pela subida dos preços. A guerra se fazia presente sob diferentes formas. No início de 1943 temia-se sofrer um ataque aéreo e por isso foram realizados alguns exercícios de defesa passiva nesse ano. Contudo, ao invés de nazistas e japoneses, a cidade foi atacada por um “blitzkrieg de muriçocas”. Numa carta enviada ao Correio de Aracaju um leitor reclamava que

A noite de 27 para 28 de Maio p. findo, e as que se seguiram, podem ser consideradas de verdadeiro ‘ataque fulminante’ das muriçocas – isto é o que podem afirmar, com abundantes razões, pelo menos os moradores das ruas de Estância, lagarto e Riachuelo. Realmente, nunca se viu tanto pernilongo, descendo em voo picado, por maiores precauções de ‘defesa passiva’ que se tomassem, de todos os modos possíveis, desde o vedamento de portas e janelas até o emprego do lança-chamas (aplicação direta de vela nos insetos em repouso...).



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

Interessante é que, no mais aceso verão, aparecem, com regularidade, os ‘mata mosquitos’, tudo esquadrinhando, até pelos quartos, á caça de culicídeos, gambiæ, aedes aegyptii e o que mais seja.

E agora, com as chuvas, se retraem lamentavelmente, quando mais se precisa de uma ofensiva contra os terríveis inimigos do nosso sono (para não falar em saúde...). Porque a verdade é esta: como aconteceu naquelas noites em certas zonas do Aracaju, a mosquitaria é mesmo invencível e faz a gente pensar com tristeza que talvez não valha a pena tanta despesa e que também não adianta isso de matar mosquito no verão...<sup>XII</sup>.

O termo “blitzkrieg” em alemão significa guerra relâmpago. Daí o trocadilho que o autor da carta faz com o ataque das muriçocas. Expressões características do período da guerra como “blitzkrieg”, “ataque fulminante”, “defesa passiva”, “ofensiva” e “terríveis inimigos” foram apropriados pela população. E nesse exemplo as palavras foram empregadas para ridicularizar um problema recorrente em Aracaju, ou seja, o aparecimento de insetos. O obstáculo não era ultrapassado nem mesmo com as habituais e ineficientes investidas dos mata mosquitos, que custavam caro. Esse dinheiro poderia ser empregado na resolução de outros problemas como a irregularidade dos voos não de muriçocas, mas de aviões.

A Panair e a Cruzeiro do Sul que mantinham uma rota de voos para Aracaju, vez por outra interrompiam suas atividades na capital sergipana. Desde o início de 1943 os sergipanos sofriam com a falta de transporte aéreo. Até o fim de 1930 o tráfego aéreo brasileiro era controlado pelas empresas Condor (subsidiária da Lufthansa alemã) e a LATI (italiana). Ainda havia a Varig e Vasp que também contavam em grande medida com a participação do capital alemão, e a Panair do Brasil (subsidiária da Pan-American Airlines norte-americana). Durante a guerra o governo brasileiro restringiu a prestação desse serviço a aeronaves tripuladas e controladas por brasileiros<sup>XIII</sup>, forçando a nacionalização das empresas e a expulsão de alemães e italianos deste setor.

Em junho de 1943 apenas a Panair atendia aos passageiros em Aracaju com um avião semanal, mas em 21 de junho a companhia aérea resolveu suspender esse destino. A razão para isso não estava relacionada ao temor de que houvesse um ataque eixista, o problema era que o campo de pouso não oferecia condições de segurança para aterrissagem e decolagem das aeronaves. No dia 25 de junho as atividades foram retomadas, mas o problema estava longe de ser resolvido.

Entre idas e vindas, no dia 11 de agosto de 1944 a Panair suspendeu as atividades mais uma vez. Assim, quem desejasse viajar de avião precisava ir até Salvador e de lá seguir para o Sul ou o Norte do país. Sergipe estava isolado, pois o tráfego marítimo não oferecia segurança e esporadicamente os aviões deixavam de frequentar a pista, que media 970m, mas apenas 700m (extensão considerada insuficiente) ofereciam condições de pouso e decolagem. Enquanto as correspondências atrasavam e os passageiros aracajuanos esperavam pela construção de uma pista mais moderna na Atalaia, a Panair disponibilizava oito aviões diários para a Bahia e 18 aviões por mês para Maceió.

Outro fato acendia as disfarçadas rugas entre sergipanos e baianos. Em outubro de 1944 a imprensa baiana informou que houve uma tentativa de abolir os judeus dos clubes esportivos



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

de Aracaju. A grave acusação de que havia inclinações fascistas em Sergipe causou indignação. Comentava-se que alguém sugeriu que os judeus fossem eliminados da Associação Atlética, tradicional estabelecimento recreativo da capital. No entanto José Vieira Vasconcelos, vice-presidente da associação e presidente da sessão de discussão da reforma dos estatutos da associação na qual teria sido feita a suposta sugestão, declarou que “não se cogitou da exclusão dos judeus na Associação Atlética”, pois esta “seria uma medida anti-democrática”. Ele esclareceu que tentou se estabelecer uma norma para admissão de novos membros, e que todos os estrangeiros fossem naturalizados brasileiros, inclusive os americanos e ingleses. Mas não se falou em excluir os judeus que já eram sócios e “assim mesmo, o dispositivo foi rejeitado unanimemente”<sup>xiv</sup>.

O Brasil havia assumido, ao menos oficialmente, uma postura clara de repúdio às ações nazistas. Sendo assim um clube frequentado pela alta sociedade aracajuana não podia dar demonstrações públicas de antissemitismo. De forma geral, a empolgação com assuntos sobre a guerra era encarada como uma atitude suspeita. É preciso lembrar que alguns estrangeiros que residiam em Aracaju estavam sendo investigados. Até mesmo a movimentação da Biblioteca Pública dava sinais de que os alemães eram um tema perigoso, mesmo para a leitura.

Durante o mês de dezembro de 1943 a Biblioteca Pública do estado recebeu 3.367 consultas (541 a menos que no mês anterior). Conforme o registro das consultas por idiomas: “português 4338 (menos 349), francês, 65 (menos 26), inglês, 73 (menos 5), castelhano, 47 (menos 34), latim, 45 (menos 11), italiano, 3 (mais 1), alemão, 13 (menos 6)”<sup>xv</sup>, pode-se perceber uma diminuição no interesse pelas obras na língua alemã. De acordo com os dados aumentaram as consultas a temas de história e geografia, mas ainda havia quem se interessasse pela língua de Hitler.

E enquanto os aliados se encarregavam pelo restabelecimento da democracia no mundo, a polícia aracajuana se debatia contra os malfeitores que atuavam na esfera local. Além de estar atenta à movimentação dos estrangeiros que viviam em Aracaju, a polícia deveria vigiar a conduta de alguns patrícios inimigos da legalidade, criminosos bem brasileiros que ameaçavam a ordem e a segurança pública.

A maior parte dos crimes foi cometida por homens adultos. Os delitos cuja autoria era feminina eram mais raros. Já entre as principais investidas contra as mulheres estavam os defloramentos, que em alguns períodos entre 1939 e 1945 chegou a ser 30% dos crimes registrados junto à chefatura de polícia. Considerado um crime vergonhoso para as moças e suas respectivas famílias, muitos casos sequer chegavam a ser registrados<sup>xvi</sup>. Porém, era mais comum que a polícia fosse acionada para resolver casos mais amenos, como pequenos furtos. No dia 26 de setembro de 1944 a polícia prendeu Armando Vieira Santos, conhecido como Hormano. O audacioso gatuno chegou à delegacia trazendo à cabeça o fruto de seu “trabalho” matutino: uma bacia e duas galinhas furtadas de uma casa na avenida Barão de Maroim, n.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Rodovia Marechal Rondon, s/nº, sala 06 do CECH-DHI, Bairro Jardim Rosa Elze, São Cristóvão – SE, CEP: 49.000-000, Fone: (79) 3043-6349.

E-mail: [caderno@getempo.org](mailto:caderno@getempo.org)



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

704. No dia 13 de outubro foi a vez de ser preso o ladrão conhecido como Caboré, enquanto tentava roubar um boteco do mercado. Ao ser abordado levava consigo esmaltes, caixas de gilete, pastas de dente, cinto, meias, camisas de frio e suspensórios. A polícia não divulgou se Caboré pretendia usar os produtos furtados, ou se eles seriam vendidos.

Alguns ladrões também se arriscavam no comércio local. Esse era o caso de José das Mercês, conhecido como José Antonio. Ele foi preso no dia 14 de outubro de 1944 por ter furtado uma jumenta na praça da Bandeira que valia 150 cruzeiros e depois tê-la vendido a Nelson Maynard por 40 cruzeiros. Devolvida a jumenta ao dono, Nelson Maynard que acreditou ter feito um excelente negócio, acabou ficando no prejuízo. E o negócio de roubo de galinhas prosperava em Aracaju. Dia 11 de novembro de 1944, três galinhas foram furtadas da casa de José C. Farias, à rua Itabaiana. Preso o autor do crime, Florival Lima Araujo, conhecido como Floriano, jurou que era a primeira vez que entrava na prisão de uma chefatura de polícia.

E a polícia também precisou lidar com alguns valentões. Às 13h do dia 18 de fevereiro de 1945, a polícia foi chamada para separar uma briga entre Agrepino José dos Santos e Fernando Silva Santos na VI Exposição de Animais. Já os bichos parecem ter se comportado civilizadamente, haja vista não ter sido registrada nenhuma queixa contra os seres irracionais. Às 22 horas foi preciso separar uma luta entre José Bruno, conhecido como Lampeão, e Mário Queiroz. Ambas as lutas começaram por motivos fúteis. Mas o melhor do dia estava por vir. Valdemar Santos se embriagou, tornando-se um valentão no Bairro Industrial, e

Recolhido ao quartel do 10º Distrito, ali quis demonstrar ser um Hercules, procurando quebrar as grades da prisão, sendo por esse motivo, recolhido ao departamento de segurança.

Todos esses valentões de ontem se encontram detidos na Chefatura de Polícia<sup>XVII</sup>.

Num período em que o Brasil precisava de homens extraordinários para integrar as fileiras da FEB, Valdemar Santos dava provas de que em Sergipe havia guerreiros em potencial. No entanto não havia mais tempo para se alistar e participar do conflito. No dia 23 de abril de 1945 Aracaju comemorava a queda de Berlim, o fim da guerra se aproximava. Os pracinhas da FEB permaneceram na Europa até 3 de junho de 1945, depois voltaram ao Brasil. Com isso aumentava a esperança de que dias melhores viriam.

O fim da guerra trouxe consequências para vários países. No Brasil a transformação mais imediata foi a queda do Estado Novo, muito embora, como lembra Capelato, Vargas tenha saído vitorioso. Ele conseguiu eleger Eurico Gaspar Dutra e venceu as eleições de 1950. Em diferentes escalas também ocorreriam reviravoltas nos costumes.

Este artigo não pretendeu abordar o cotidiano em Aracaju como um todo, mas tão somente alguns aspectos do dia a dia. Pode-se afirmar, copiando a epígrafe de Clarice Lispector, que esse texto tratou de “verdades menores”. Talvez porque elas sejam mais fáceis de suportar, mas também porque elas precisam ser conhecidas. Num período que registrou tantas



Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

dificuldades, esses traços do cotidiano não são menos importantes por não se deterem à relação mais traumática entre a cidade e a guerra.

Os fatos apresentados no texto procuram evidenciar como os aracajuanos se relacionavam entre si, como se relacionavam com a guerra e como esse conflito foi inserido em diversas ocasiões do dia a dia. Seja através do aumento dos preços, da apropriação de expressões utilizadas em situações de combate, ou mesmo no tipo de livro que se consultava na biblioteca, as escolhas do aracajuano indicavam em que medida era conveniente se aproximar ou distanciar da guerra.

Em alguns momentos o conflito armado interferiu mais diretamente do cotidiano na capital sergipana. A guerra originou novas aflições, mas era preciso lidar com algumas dificuldades que a população já enfrentava antes de setembro de 1939. As situações analisadas nesse texto mostram aspectos da experiência social através dos quais as pessoas participavam de processos locais e globais.

Assim, o morador de Aracaju enquanto ator histórico estava inserido numa realidade complexa que envolvia problemas como os torpedeamentos, o aumento da carestia, a falta e aviões, a presença de muriçocas, a desconfiança com os estrangeiros, o antisemitismo, mudanças na dinâmica de funcionamento da tropa militar e o roubo de galinhas.

## Notas

<sup>I</sup>Doutoranda em História pela UNESP/Bolsista CAPES/Integrante do GET/UFS/CNPq. E-mail: [andreza@getempo.org](mailto:andreza@getempo.org)

<sup>II</sup>LISPECTOR, Clarice. Perfil de um ser eleito. In: Clarice na cabeceira: crônicas. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. p. 47.

<sup>III</sup>Cf. CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? . In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V.2.

<sup>IV</sup>AGÊNCIA NACIONAL, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1939.

<sup>V</sup>O Departamento de Propaganda e Divulgação Estadual (DPDE) de Sergipe foi organizado em fevereiro de 1939 e transformou-se em Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda em 1941.

<sup>VI</sup>Criado pelo Decreto n. 9.915, de 27 de dezembro de 1939, o DIP deveria controlar toda propaganda e publicidade de órgãos públicos e organizar homenagens a Getúlio Vargas. O DIP era o porta-voz do Estado Novo. Cf. ABREU, Alzira Alves de...[et.alli] Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (Pós 1930). Rev. Amp. Atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. v.1.

<sup>VII</sup>Vágner Camilo Alves chama de “Equidistância Pragmática” a orientação da política externa brasileira até 1942. Cf. ALVES, Vágner Camilo Alves. Ilusão desfeita: a “aliança especial” Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial. In: Rev. Bras. Pol. Int. 48 (I): 151-177 [2005].

<sup>VIII</sup>CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 5 de março de 1941, p. 4.





Recebido: 04/08/2012

Aprovado: 30/09/2012

Publicado: 10/12/2012

<sup>IX</sup>Dez submarinos alemães percorriam a América do Sul, mas apenas o U-507 recebeu ordem para atacar. Em janeiro de 1943 o U-507 foi afundado nas Guianas por um avião norte-americano. Cf. FERRAZ, Francisco César. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

<sup>X</sup>Cf. MAYNARD, Dilton C. S. O Brasil sob Ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

<sup>XI</sup>FERRAZ, Francisco César. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p.43.

<sup>XII</sup>CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 25 de junho de 1943, p. 3.

<sup>XIII</sup>Cf. FERRAZ, Francisco César. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

<sup>XIV</sup>CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 27 de outubro de 1944 p. 4.

<sup>XV</sup>CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 26 de janeiro de 1944, p. 4.

<sup>XVI</sup>Cf. SANTOS, Hermelino Góis dos. O sexo da norma: processos de defloramento em Aracaju (1901 -1930). São Cristóvão, 2003, 86 p. Monografia (Licenciatura em História), DHI, CECH, UFS.

<sup>XVII</sup>CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 19 de fevereiro de 1945, p. 4.

### Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de...[et.alli] **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (Pós 1930)**. Rev. Amp. Atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. v.1.

ALVES, Vágner Camilo Alves. Ilusão desfeita: a “aliança especial” Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial. In: Rev. Bras. Pol. Int. 48 (I): 151-177 [2005].

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. 15 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuel Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V.2.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História**. Trad. Frederico Carotti. 2 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.143-275.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.